



30 de maio de 2026
Santa Joana d'Arc (I)
“O coração da santa”

Era o dia 30 de maio de 1431 na cidade de Rouen (França), um dia após a Festa da Santíssima Trindade. Pela manhã, uma grande multidão havia se reunido na praça do mercado, perto da igreja do Redentor. Além do povo e do clero, muitos soldados estavam presentes. No entanto, não eram soldados franceses, mas ingleses, pois Rouen era uma das cidades que haviam caído sob o domínio inglês durante a Guerra dos Cem Anos.

Haviam montado um cadafalso no meio da praça e colocado sobre ele uma jovem de apenas dezenove anos. Era por causa dela que pessoas de todos os tipos, tanto clérigos quanto leigos, haviam se reunido. Todos os olhares estavam voltados para ela.

Quem era essa jovem? Por que ela estava ali?

Então, Nicolas Midi, doutor em Teologia, proferiu diante de toda a assembleia um sermão sobre o versículo 26 do capítulo 12 da Primeira Carta do apóstolo Paulo aos Coríntios: «Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele».

Mas o que essa passagem tem a ver com aquela jovem?

Em seguida, um bispo se levanta diante da assembleia: é Dom Cauchon, de Beauvais, que pronuncia a sentença contra a jovem. O nome dessa mulher é Joana d'Arc.

Quão terrível é a sentença proferida contra a mesma jovem que, mais tarde, seria declarada santa pela Igreja! Uma sentença cheia de falsidades, resultado de um julgamento injusto que seria anulado poucos anos depois.

Bastará ouvir algumas palavras dessa sentença para termos uma ideia do que teve de sofrer esta jovem, a quem honramos hoje, no dia de sua festa, como a santa donzela de Orléans.

Assim falou o bispo Cauchon:

«Sempre que a heresia, com seu veneno pestilento, contaminar um membro da Igreja e o transformar em um servo de Satanás, deve-se impedir com ardente zelo que esse contágio perigoso se espalhe para os demais membros do Corpo místico de Cristo. Assim prescreveram as disposições dos Padres da Igreja: é melhor afastar os heréticos obstinados do seio dos justos do que, para grande perigo dos fiéis, dar lugar ao veneno da serpente no seio da Santa Mãe Igreja.»

Por isso, nós – Pierre, pela misericórdia de Deus bispo de Beauvais, e o irmão Jean le Maistre, vigário

especialmente encarregado do processo do ilustre doutor Jean Graverent, inquisidor de heresias – declaramos a vós, Joana, comumente chamada a Donzela, como apóstata, idólatra e invocadora de demônios.»

Após a leitura da sentença, Joana d'Arc foi entregue às autoridades estatais e, em seguida, queimada viva na fogueira.

Como pôde ser cometida uma injustiça de tamanha magnitude? Se pensarmos no que aconteceu com o Senhor, compreenderemos melhor. Se até o Filho de Deus foi condenado à morte e crucificado sem jamais ter cometido pecado algum; se o Enviado do Pai e Messias da humanidade, que curou os enfermos, ressuscitou os mortos e libertou os possuídos, foi perseguido por aqueles a quem havia sido enviado, então uma santa e inocente donzela como Joana d'Arc também pode ser condenada à fogueira como herética e bruxa. Em tais julgamentos, manifestam-se os poderes das trevas que, enganando e alimentando as más inclinações dos homens, utilizam-se deles para extinguir, na medida do possível, tudo aquilo que dá testemunho de Deus. Para os inimigos de Joana, não bastou destruir sua reputação, humilhá-la publicamente e queimá-la na fogueira à vista de todos.

Segundo relatou o frei Ysambert de la Pierre em 1450, o carrasco de Joana recorreu a ele e a outro frei, completamente desesperado e arrependido. Ele lhes assegurou que, apesar do óleo, do enxofre e do carvão que havia adicionado para queimar as entranhas e o coração da donzela, o fogo não os havia consumido e que nem as entranhas nem o coração haviam se reduzido a cinzas, o que lhe pareceu assombroso, como um milagre evidente.

No entanto, seus inimigos também pretenderam aniquilar este sinal e lançaram o coração de Joana no rio Sena.

Mas não se pode apagar a presença de Deus em uma santa. Tudo o que é feito por amor e na verdade permanece eternamente gravado na memória de Deus. No caso de Joana d'Arc, toda a sua vida e suas palavras estão extraordinariamente bem documentadas. Quem desejar conhecê-la mais a fundo, descobrirá uma maravilhosa e grandiosa história de amor. Com o passar do tempo, tentou-se obscurecer e instrumentalizar a figura de Joana d'Arc e, em muitas ocasiões, transmitiu-se uma imagem distorcida da santa. Seu testemunho resplandecia com tamanha força que as trevas tentaram eclipsá-lo com sua sombra.

Mas quem se puser a caminho para buscar o coração de santa Joana d'Arc o encontrará e se lembrará das palavras do Cântico dos Cânticos:

«Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço; porque o amor é forte como a morte, e duro como o sepulcro o ciúme; as suas brasas são brasas de fogo, com labaredas do Senhor. As muitas águas não poderiam apagar esse amor, nem os rios afogá-lo; ainda que alguém desse todos os bens de sua

casa pelo amor, certamente o desprezariam» (Ct 8,6-7).

O grande amor da santa correspondia a Deus e à sua pátria, França. Viveu e morreu para cumprir a missão que o Pai celestial lhe havia encomendado. Nela encontramos um coração no qual Deus se glorificou grandemente e no qual imprimiu o selo do seu amor. No meio das chamas, Joana morreu com o Nome de Jesus nos lábios, invocando-o sete vezes antes que sua terna vida se consumasse e o Pai celestial a chamasse para a eternidade.

Na meditação de amanhã, continuaremos falando de nossa santa.